

## Pensar a pandemia a partir da branquitude

BRUNA MORAES BATTISTELLI\*

LEONARDO RÉGIS DE PAULA\*\*

**Resumo:** Desde 2020 vivemos a pandemia por coronavírus, e em nosso país os impactos precisam ser analisados desde múltiplos conceitos e fatores. Desta forma, propomos uma leitura acerca da pandemia a partir do conceito de branquitude. Para tanto, nos detemos no referencial teórico apresentado por Maria Aparecida Bento e Lourenço Cardoso, intelectuais expoentes na discussão do tema no Brasil. A partir do conceito de pacto narcísico da branquitude e de branquitude crítica e acrítica, apresentamos nossa discussão quanto à experiência da pandemia. Escrevemos cartas pessoais em um exercício cartográfico, analisando como a pandemia impacta o corpo de uma mulher branca e o corpo de um homem negro. Por fim, apontamos a necessidade de ressignificação da branquitude, motor das políticas de morte em nosso país; a necessidade de pensarmos a ressignificação da branquitude no Brasil é urgente para que se possa constituir práticas para um projeto de estado antirracista.

**Palavras-chaves:** Racismo; Branquitude; Cartas; Pacto narcísico.

### Thinking the pandemic from whiteness

**Abstract:** Since 2020 we have been experiencing the coronavirus pandemic, and in our country its impacts need to be analyzed from multiple concepts and factors. Thus, we propose a reading about the pandemic from the concept of whiteness. Therefore, we focus on the theoretical framework presented by Maria Aparecida Bento and Lourenço Cardoso, leading intellectuals in the discussion of the subject in Brazil. Based on the concept of the narcissistic pact of whiteness and critical and uncritical whiteness, we present our discussion regarding the experience of the pandemic. We wrote personal letters in a charting exercise, analyzing how the pandemic impacts the body of a white woman and the body of a black man. And finally, we point out the need to give new meaning to whiteness, the engine of death policies in our country; the need to think about the resignification of whiteness in Brazil is urgent so that practices for an anti-racist state project can be constituted.

**Key words:** Racism; Whiteness; Letter; Narcissistic pact.



\* BRUNA MORAES BATTISTELLI é doutoranda em Psicologia Social e Institucional

(UFRGS).



\*\* LEONARDO RÉGIS DE PAULA é mestrando em Psicologia Social e Institucional pela

Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

### Cartografias: cenas de uma pandemia seletiva

Vivemos mediados pelo mito da democracia racial, que é pautada por um ideal de branqueamento; uma vivência dual, pois para pessoas brancas esta significa privilégios e, para pessoas negras, significa o enfrentamento do racismo e de políticas de morte. Branquitude, então, se refere “aos traços da identidade racial do branco brasileiro a partir das ideias sobre branqueamento” (BENTO, 2002, p. 25), firmando-se uma espécie de acordo tácito que sustenta as desigualdades raciais no país. Afirmamos a necessidade de pensarmos a relação entre a pandemia por coronavírus (COVID-19) e o conceito de branquitude. Colocamos em análise a branquitude, a pandemia e como elas atravessam nossos corpos, pois o coronavírus não é democrático como alguns chegaram a anunciar quando a pandemia tinha seu epicentro circunscrito ao continente europeu (final de 2019 e início de 2020), momento no qual a solidariedade da classe média/alta branca brasileira direcionou suas orações para a Itália em uma indignação seletiva.

O que assistimos com a chegada da pandemia ao Brasil foi uma reatualização do pacto narcísico da branquitude (BENTO, 2002), cuja indignação é centrada apenas no que afeta aos semelhantes, ou seja, só há comoção quando o grupo racial branco é acometido por algum evento violento ou letal. Assistimos uma política de enfrentamento ao coronavírus que acirra o genocídio das populações negras e

indígenas que são empurrados à exposição ao vírus e consequente infecção. Ações que são encobertas por exemplo com a não notificação do quesito raça/cor e com a pouca vacinação em territórios pobres.

Uma das primeiras mortes documentada no Brasil foi de uma empregada doméstica negra que seguiu trabalhando mesmo quando os patrões testaram positivo para COVID-19<sup>1</sup>. Nos Estados Unidos, o número de mortes por coronavírus é maior entre a população negra e latina comparado à população branca. Em estados como São Paulo, os maiores indicadores de infecção do vírus estão presentes em bairros de classe alta, entretanto a letalidade é muito maior em bairros periféricos (BBC, 2020; CNN BRASIL, 2020; ESTADÃO, 2020)<sup>2</sup>. O que esses dados podem nos indicar?

Indicam uma pandemia seletiva em sua propagação e possibilidade de cuidados. Salientamos a necessidade de problematizar a branquitude que consolida nossas políticas públicas, que embasa escolhas epistemológicas e situa corpos em lugares específicos. Quais corpos são protegidos? E quais são vulnerabilizados? Sem visibilizar o fator branquitude, as intervenções propostas seguem reafirmando as políticas de morte que em nosso país se iniciaram em 1500 com a invasão dos portugueses, o genocídio da população indígena e posteriormente escravização e genocídio da população negra. A branquitude, assim, alimenta uma máquina mortífera para corpos que não fazem parte de seu grupo. A empatia que era verbalizada

<sup>1</sup> MELO, Maria Luisa de. **Primeira vítima do RJ era doméstica e pegou coronavírus da patroa no Leblon**. Saúde. Uol. Rio de Janeiro, 19/03/2020. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2020/03/19/primeira-vitima-do-rj-era-domestica-e-pegou-coronavirus-da-patroa.htm>>. Acesso em: 15/05/2021.

<sup>2</sup> VIÑAS, Diego, DURAN, Pedro e CARVALHO, Júlia. **Morrem 40% mais negros que brancos por coronavírus no Brasil**. Saúde. CNN. São Paulo, 05 de junho de 2020. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/saude/2020/06/05/negros-morrem-40-mais-que-brancos-por-coronavirus-no-brasil>>. Acesso em: 25/08/2020.

com os italianos dá lugar à apatia quando o mesmo evento passa a vitimizar os brasileiros, principalmente indígenas e negros.

Desta forma, podemos pensar no coronavírus como uma arma potente para o acirramento das políticas de morte que embasam o Estado brasileiro, acelerando o genocídio das populações negras e indígenas. Com a Portaria nº 344 de 1º de fevereiro de 2017 (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2017) se instaurou a obrigatoriedade em se preencher o quesito raça/cor em todos os sistemas de saúde, o que não vem sendo cumprido durante a pandemia. Por que encobrir essa informação? Assim, acompanhando e vivendo a pandemia, nossa análise apresenta cenas que demonstram sua seletividade: protegendo a população branca classe média alta e sendo letal para as populações negras e indígenas. Em uma disputa de narrativas, o governo federal omite dados e mesmo os nega quando confrontado em suas ações de prevenção e contenção da pandemia.

Para tanto, propomos um exercício que chamamos de cartografia (BATTISTELLI, 2017) que consiste na instalação de um correio (uma troca de cartas) entre pesquisadores. Uma troca de cartas que aborda nossas experiências e entendimento da pandemia, do conceito branquitude, pautando-se pelo convite ao diálogo a partir do que vivemos, sentimos e pensamos. Uma escrita que passa pela experiência e a linguagem subverte o que se espera de uma escrita acadêmica: é tecida por fios da experiência, apaixonada, informal, conversacional e endereçada. Defendemos uma política de escrita que

permita que o conhecimento seja endereçado e dialogado. Pensar o que nos dói no corpo e na alma só é possível a partir de escritas que se acionem por vias outras, que não a escrita hegemônica.

Apostamos na experiência enquanto matéria produtora de conhecimento, como aprendemos com intelectuais negras como Lélia Gonzalez (2018) e bell hooks<sup>3</sup> (2019). Nossa análise acerca da pandemia se constrói a partir de nossos corpos encarnados: uma mulher branca e um homem negro, ambos estudantes de pós-graduação em Psicologia Social e Institucional na (Universidade Federal do Rio Grande do Sul). Desta forma, seguem abaixo as cartas trocadas e as considerações finais.

### **Carta inicial: definindo Pacto Narcísico da Branquitude**

Caras/os leitoras/es,

Antes de contarmos como estamos vivendo a pandemia, queremos pensar a branquitude e como se constitui o pacto narcísico da branquitude conceito que Maria Aparecida Bento (2002) nos apresenta em sua tese. Este último, um conceito criado a partir da psicologia social pela autora citada nos interessa, pois mostra como o funcionamento da sociedade brasileira se estrutura e no que se fundamenta. A branquitude define um local de privilégio e de vantagem, relacionado às lógicas de dominação. É é muito mais do que simplesmente significar sinônimo de pessoas brancas. Desta forma, a branquitude é um sistema de dominação que sustenta nossa sociedade e que produz um projeto de país, pautado pelo racismo por omissão, como nos lembra Lélia González (2020),

<sup>3</sup> Bell hooks utiliza-se da grafia minúscula no seu nome como um posicionamento ético-político como justifica a autora: “o mais importante em meus livros é a substância e não quem sou eu”. Para mais informações acessar o texto *bell hooks*:

*uma grande mulher em letras minúsculas* (2009) de Andreia Santana, disponível em: <<https://mardehistorias.wordpress.com/2009/03/07/bell-hooks-uma-grande-mulher-em-letras-minusculas/>>. Acesso em: 23 ago. 2020.

um racismo que é colocado na conta da vítima, que é negado e salientado como não existente, pois afinal, vivemos no que se denominou uma democracia racial.

A “branquitude é um lugar de privilégios simbólicos, subjetivos, objetivo, isto é, materiais palpáveis que colaboram para construção social e reprodução do preconceito racial e racismo” (CARDOSO, 2010, p. 611). Ou seja, falar de branquitude é falar de privilégio social, material, subjetivo, e desta forma, é escancarar as hierarquias sociais e raciais que estruturam nosso país. Assim, o convite que fazemos é pensarmos em como podemos operar com este conceito a fim de produzir uma sociedade mais justa. Pois como nos lembra Cardoso (2010), se pensarmos esse lugar de onde os sujeitos brancos enxergam a si e aos outros, podemos analisar as posições de poder raciais que se instauram e perpetuam violações de direitos. Estamos falando de um conceito e de um modo de relação que confortavelmente atribui ao outro tudo o que não atribui a si. Exemplos no percurso da pandemia não faltam: um dos mais gritantes diz respeito à culpabilização de empregadas domésticas pela contaminação de famílias ricas por COVID-19. No ano de 2021 pudemos entrar em contato com inúmeras histórias de empregadas domésticas que foram obrigadas a permanecer em seus trabalhos sem ganhos de horas extras e outros benefícios sob o argumento de que seria para proteger as famílias dos empregadores de possível contaminação. Não há como explicar o cárcere privado de trabalhadoras, em sua maioria mulheres negras, sem analisarmos o lugar de superioridade branco posto em nossa sociedade.

A branquitude, como bem apontam Bento (2002) e Cardoso (2010) se

caracteriza por sua suposta invisibilidade, pois um dos maiores privilégios da mesma é conseguir se manter como não situada, “o branco pouco aparece, exceto como modelo universal de humanidade” (BENTO, 2002, p. 25); e desta forma, é urgente localizar o branco como uma posicionalidade entre tantas outras, descentrando, então, de sua suposta superioridade. E o conseqüente processo de ideal de branqueamento que sustenta a branquitude em seu lugar de privilégios não é um problema dos negros (BENTO, 2002), mas é uma invenção da elite branca brasileira, que colocou seu grupo como referência em superioridade em detrimento de outros grupos étnico-raciais. Um dos maiores privilégios da branquitude é conseguir se afirmar como grupo superior e merecedor de privilégios em detrimento de outros grupos, um dos exemplos que podemos citar é a dificuldade de grupos brancos de classe média conseguirem entender a necessidade das ações afirmativas em processos educativos e de trabalho. Em um pacto (narcísico da branquitude), os brancos não se reconhecem “como parte absolutamente essencial na permanência das desigualdades raciais no Brasil” (BENTO, 2002, p. 26). Os brancos mantêm-se protegidos de avaliações e análises, evitando assim, que discutamos sobre as dimensões dos seus privilégios. Um pacto que opera por exclusão moral dos grupos que não são brancos, passando por um descompromisso político com o sofrimento do outro (BENTO, 2002) e se estrutura pela desvalorização do outro como pessoa e como ser humano; uma “indignação narcísica” que fortalece o sentimento de superioridade do grupo branco, que se desresponsabiliza de suas ações e as conseqüências das mesmas (BENTO, 2002).

Desta forma, entender os sustentáculos do pacto narcísico da branquitude (BENTO, 2002) é urgente para um campo de conhecimento como o da Psicologia Social e Institucional, assim como das demais ciências humanas e sociais, pois como podemos intervir em instituições e pensar o social, sem colocar em questão o racismo que constitui o mundo moderno-colonial e a branquitude que com os colonizadores por aqui se instaurou com força tal que persiste no contemporâneo.

Nosso convite é que você adentre nossas memórias sobre a pandemia e o como articulamos as mesmas com os conceitos que nos propomos (branquitude e pacto narcísico da branquitude). Queremos com esse ensaio escrito em cartas, ampliar as sensações, convidar à reflexão e racializar o entendimento da pandemia. Não há democracia nesta experiência, muito pelo contrário, há reafirmação de lugares de superioridade e de fragilização de direitos e proteções.

### Carta I

Caro Leonardo,

Como tu está? Já não pergunto tudo bem, pois tudo bem, não está. Tudo parece estar desmoronando, mas não posso reclamar, pois conto com muitos privilégios nesse momento: ficar em casa, ter condições financeiras de me manter na quarentena, estar saudável, ter rede de apoio e uma casa protegida. Sinto a falta dos encontros e das aulas, mas com a pandemia e a popularização das *lives* e encontros à distância tenho escutado pessoas que não teria

oportunidade de outra forma. Penso em quatro delas particularmente: Conceição Evaristo, Sueli Carneiro, Joyce Lopes e Maria Aparecida Bento<sup>4</sup>. Pessoas que acalentam meu coração, mas que também vão rasgando as cegueiras tão próprias da branquitude.

Uma fala que ouvi nessa nova tecnologia de aprendizagem foi de Maria Aparecida Bento que diz: “é preciso ressignificar a branquitude!” A intelectual falava sobre a branquitude, o racismo e a pandemia e insistiu nesta pontuação que me pega, pois sendo uma mulher branca venho pensando e vivendo isso: como ressignificar os privilégios que me acompanham? Se o gênero e a classe me deram pouco (ou nenhum) privilégio, a raça me coloca em um grupo minoritário bastante privilegiado: o das pessoas brancas.

E aí, preciso te dizer que tenho permitido estar com raiva. Desde o episódio da patroa branca de Recife que escolheu deixar à morte um menino de cinco anos. Um menino negro filho da empregada doméstica. Uma situação que me deu raiva, pois como filha de uma empregada doméstica sei como é ter que aprender qual é o seu lugar dentro da casa dos patrões da mãe, mas nunca me aconteceria o que ocorreu com ele. Um filho branco de uma empregada doméstica teria sido minimamente cuidado naquele contexto, não seria abandonado à própria sorte. O pequeno e sua mãe foram vítimas da branquitude brasileira que pouco se pensa e que muito violenta. Violenta desde sua invisibilidade e até com a solidariedade narcísica que pauta suas ações. Fiquei

<sup>4</sup> Conceição Evaristo tem realizado quase que semanalmente *lives* em sua rede social pessoal, falando de suas criações, livros e personagens. Joyce Souza Lopes media uma série de *lives* intituladas “*Deu, branco!* Branquitude em pauta” na rede social da *Revista Afirmativa*. Sueli Carneiro participou de uma série de entrevistas

em decorrência de seu aniversário, podemos citar a intitulada *Feminismos negros*, que pode ser acessada em <https://www.youtube.com/watch?v=2mmuyRXHHg0>. Maria Aparecida Bento foi entrevistada na rede social do CEERT (Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades).

dias pensando em como a morte do menino Bernardo <sup>5</sup> reverberou e permaneceu por muito tempo na mídia. Falando do caso de Miguel, pouco tempo se passou e já não discutimos o fato de uma mulher branca escolher seguir fazendo as unhas ao invés de cuidar de uma criança. Reflexos do pouco caso da branquitude com vidas negras.

Nesses momentos fico pensando em nossa profissão e formação que é prioritariamente branca e elitista. Os referenciais utilizados ainda são pautados pela hegemonia europeia branca. Pouco olhamos para o fato de que são corpos brancos ensinando escuta e acolhimento com referenciais brancos para estudantes em sua maioria brancas/os; e se essas/es psicólogas/os escolherem trabalhar no campo das políticas públicas, serão pessoas pobres e negras seu público alvo. Uma escuta branca num corpo branco ouvindo vidas negras marcadas por uma experiência com o racismo e com as mortes que esse carrega. Fico pensando no impacto disso e em como ainda somos pouco abertas/os a pensar essa dimensão. A mãe de Miguel foi julgada por muitas/os por ter levado o filho ao trabalho. Uma empregada doméstica branca não passaria por isso. Fico pensando nos estereótipos que a Psicologia produz para mulheres negras pobres, para homens negros, para crianças negras. Estereótipos que produzem morte, dor e violência. E eu faço parte disso quando não me racializo ou não racializo outras pessoas brancas ou quando não consigo suportar o conflito racial. Tem algo no texto do Lourenço Cardoso (2018) sobre a branquitude acadêmica que me

acompanha: os pesquisadores brancos não suportam o mal estar do conflito racial. O autor disse que quando pessoas brancas se encontram com o conflito racial sua fragilidade não permite que se sustente o mesmo, o que ocasiona na procura de saídas fáceis de manuais. O que aprendi com isso: para acabar com algo tão violento como o racismo (que foi criado por brancos) precisamos sustentar o conflito, ouvir atentamente e construir juntas/os possibilidades de enfrentamento, que não se dão na simples constatação de que brancos são brancos e são privilegiados. Não basta citar uma frase da Conceição Evaristo ou da Grada Kilomba para que se possa dizer que se é antirracista. “É preciso romper com o silêncio que envolve a branquitude”, diz Maria Aparecida Bento (2002), para que talvez possamos começar a pensar nas exclusões morais que brancos (como eu) pactuamos e reforçamos.

Não cair nos chavões universalizantes que fui ensinada a reproduzir é parte de um processo de desaprendizagens. Para aprender a desaprender essa branquitude racista que impera em nosso país, preciso ler e aprender com muitas vozes. Preciso me responsabilizar por meu processo de aprendizagem e pelas minhas atitudes. Mas apagar a branquitude que mora em meu corpo, isso é impossível. Sinto que a questão é reaprender e fazer outras coisas a partir dela... O que não posso é ser surda e pouco perceptiva para as capturas do pacto narcísico da branquitude. As desigualdades raciais e as violências (de todas as ordens) são alimentadas por este pacto; pois a solidariedade branca é narcísica: ótima com quem é de seu grupo, pouco eficaz com as minorias que

<sup>5</sup> Nos referimos ao caso do menino Bernardo Boldrini, assassinado pelo pai e pela madrasta em 2014. Além de extrema comoção, rapidez nas investigações e julgamento, ainda foi criada a lei Menino Bernardo, que visa inibir o uso de castigos cruéis em crianças. Para mais

informações acessar: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2018/junho/lei-menino-bernardo-completa-quatros-anos>>. Acesso em: 23 ago. 2020.

diferem de si. Ter nascido mulher e pobre me ajudou a ver minhas responsabilidades, mas não me exime das vezes que fiz uso dos privilégios raciais da branquitude.

Sem muito saber como encerrar, termino por aqui. O que me conta?

Bjos, Bruna

## Carta II

Oi Bruna,

Bom, as coisas não estão fáceis mesmo. Este isolamento social tem mexido com a gente, mas confesso que as coisas já não andavam bem antes dessa quarentena. Esse é um ponto que tenho refletido muito nesse tempo que tenho passado demasiadamente só. Uma solidão que dialoga com as minhas dores, principalmente com as dores da minha carne negra. Neste sentido, tenho ativado uma estratégia de fuga, uma fuga de mim.

Nos primeiros dias da pandemia, não imaginávamos este rumo que estamos tomando como nação brasileira, talvez alguns até imaginaram, eu não. Então, senti o enfraquecimento do meu corpo no decorrer dos dias, que hoje já são meses. Nos primeiros momentos eu ainda conseguia vestir a minha armadura, meu colete à prova de balas que toda manhã eu vestia antes de sair de casa naqueles tempos onde um vírus não nos fazia refém de nós mesmos; aquele colete que psiquicamente me blindava de muitas dores. Que saudades daquele colete, que saudades da liberdade e coragem que ele me dava... Ele me possibilitava levantar o dedo e meter na cara de racista com olhos vidrados, olhos intactos contra o medo, medo da branquitude.

Eu busquei neste período me aquilombar com a negritude que me antecede, me acalantar na cultura e arte negra. Entretanto, até este processo me causou

dor. Dor de olhar pra raça e não ver só raça. Apontar o olhar pra beleza e enxergar racismo. Isto está até nas pequenas nuances. São detalhes que ecoam na minha alma trazendo lembranças de uma colonialidade que está muito presente.

Por exemplo, já fazia tempo que eu queria ler o livro da Carolina Maria de Jesus, *Quarto de Despejo* (1960), um livro de um cotidiano negro, de um dia-a-dia que parece tão presente, ainda mais nesses tempos onde a população negra tem sido alvo de descaso político e sanitário do Estado. É a população negra que hoje está enchendo os ônibus no meio de uma pandemia mundial e indo trabalhar segurando esse país nas costas. São mães que, assim como a Mirtes Renata, mãe do Miguel, perdem seus filhos em seus ambientes de trabalho trazendo à tona a figura da mucama, da mãe preta que Lélia Gonzalez (2018) discute, e que ainda está operando na nossa sociedade.

Em meio à pandemia, também tivemos a repercussão do assassinato do George Floyd por um policial branco nos Estados Unidos, provocando protestos no mundo todo. Mais uma vida negra perdida nas mãos de policiais brancos. Em períodos muito próximos, aqui no Brasil também tivemos a morte de João Pedro em uma operação policial conjunta entre as polícias Federal e Civil. Mais uma vida negra perdida nas mãos de policiais brancos. Vidas negras interrompidas repetidamente pela violência do Estado. Experiências que nosso corpo e psique têm que lidar diariamente, a busca por sobrevivência. Temos que estar sempre lutando...

Bruna, te responder essa carta fez eu lembrar do mundo acadêmico que me espera, do mestrado que tenho ainda pela frente. Esse primeiro ano foi de muitas dores, dores que oscilam entre

frustrações e traumas. Tem sido muito difícil sustentar esse papel de intelectual negro... A universidade, sobretudo as pessoas brancas que fazem parte dela, marcam nossa existência pelo desprezo e ódio que a branquitude projetou sobre as vidas negras desde a escravização até os dias de hoje (VEIGA, 2019). Estamos cansados, muitas vezes sem força pra continuar. Estamos adoecendo, não cabe a nós fazer essa luta sozinho, como pontua Milton Santos<sup>6</sup> (conforme citado por MELLO, 2016) “A luta dos negros só pode ter eficácia se envolver todos os brasileiros, inclusive os negros, mas não só os negros. Não cabe aos negros, aliás, fazer essa luta”.

Espero que em breve possamos estar presentes de corpo, alma e dores nos espaços novamente produzindo resistências, com carinho, Leonardo.

### Carta III

Leonardo,

Nem sei o que te dizer! O mundo ruindo, a política de morte no Brasil se acirrando, o genocídio das populações negras e indígenas em evidente aceleração e a universidade pensando em um retorno às aulas! Uma evidente faceta da branquitude e de sua indignação narcísica. Lembro de Maria Aparecida Bento (2002) falando de como essa indignação constrói uma exclusão moral que vai desde as pequenas violências até as mortes de fato. Temo que o ensino remoto será a versão do “passar a boiada” na educação, em um acirramento das diferenças e da desigualdade social.

Precisamos pensar em gênero, raça e classe interseccionados para pensarmos o abismo que separa as vítimas da pandemia. A maioria dos infectados e as maiores taxas de mortalidade são

expressadas em sua dimensão racial. Assim, a pandemia confirma uma diferença social histórica em nosso país e demonstra o fracasso do combate ao mito da democracia racial, que se encontra mais forte do que nunca - em dimensões de um racismo performado de forma muito distinta em nossas terras. Um racismo que se consolida pela injunção: somos todos iguais perante a Lei. Uma falácia incorporada e que sustenta nosso sistema de políticas públicas.

A branquitude (em suas múltiplas dimensões) segue indignada narcisicamente como diz Maria Aparecida Bento (2002), clamando pela abertura do comércio em carreatas sustentadas pela pretensa preocupação com a fome dos mais pobres. Fome essa que é sustentada como desigualdade social e racial enquanto projeto de Estado. Sueli Carneiro, no artigo *Pobreza tem cor no Brasil* (2011), publicado originalmente em 2000, afirma que a desigualdade social no Brasil é racializada. A autora aponta que analisando os indicadores do Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) somente para a população branca, ocuparíamos a 48ª posição em um *ranking* com 174 países. Um avanço de 26 posições em relação à que o Brasil ocupava naquele momento. Carneiro (2011) relata ainda que se só os dados da população negra fossem utilizados, a queda seria brusca: para a 108ª posição.

Como ter saúde mental com tudo isso? Se me afeta o racismo que está envolto nas imagens da pandemia, nem imagino como é pra ti. E ainda ter que pensar em qualificação, escrever artigo, pensar em disciplinas. Quando a academia vai assumir sua responsabilidade com o

<sup>6</sup> Texto disponível em: <https://jornalgnn.com.br/direitos/como-e-ser->

[negro-no-brasil-por-milton-santos/](https://jornalgnn.com.br/direitos/como-e-ser-) Acesso em: 23 ago. 2020.

racismo? Com a desarticulação de sua branquitude?

Um abraço forte, Bruna

#### Carta IV

Bruna,

Queria mesmo estar vivendo na minha bolha, trabalhar na minha dissertação e estar focado nos meus objetivos, mas isso não está no meu rol de possibilidades. Viver a partir de um corpo negro é viver em coletividade do corpo, mesmo que esta não seja representada fisicamente nos espaços. Nosso corpo se atualiza através de lutas, temos que estar sempre lutando pela garantia dos nossos direitos. Em meio à pandemia, sofremos o ataque das cotas universitárias concretizada através da Portaria nº 545/2020, assinada pelo ex-ministro da Educação, Abraham Weintraub, que revoga o incentivo da criação das políticas de reserva de vagas a pessoas negras, indígenas e com deficiência nos programas de pós-graduação. Tivemos também, neste mesmo período, ataques sistemáticos a contas de pessoas negras na plataforma Instagram, um dos locais onde está sendo produzida a popularização do pensamento negro e feminista negro. Pessoas negras tiveram perfis profissionais e de ativismo *hackeados*, colocando em evidência a perseguição de corpos negros. Pessoas negras pobres fugindo da miséria, vivendo a burocracia do auxílio emergencial do governo que coloca a raça de frente com a fome. O mundo desabando, mas desabando mesmo pra quem é pobre e negro.

Fiquei reflexivo a partir dos dados que tu trouxe da branquitude em suas múltiplas

dimensões, Bruna. Fiquei lembrando das fotos que foram postadas por mulheres brancas limpando suas casas na pandemia, muitas referindo ser a primeira vez que limpam a sua própria casa. Embora isso tenha se perdido depois do primeiro mês, quando as patroas cansaram de brincar de tomar conta do lar, ordenando o retorno das suas empregadas domésticas. Assim, como bem pontua Juliane Sousa (2020)<sup>7</sup>, a incapacidade da elite brasileira de se responsabilizar por sua vida doméstica vem de longe, vem da lógica escravagista que está cristalizada nas nossas relações com os brancos. O subemprego, sobretudo o trabalho doméstico, tem cor no Brasil. Sei disso, pois venho de família pobre onde os meus familiares, inclusive minha mãe, vivem/viveram dessa exploração racializada. Uma profissão que nasce da colonialidade, que perneta no serviço, passa final de semana na casa dos patrões, que limpa casa, faz comida e cuida de crianças brancas, não podendo cuidar dos seus próprios filhos. Estas mulheres que lutaram para ter sua carteira assinada, mas que muitas vezes cedem desse direito pelas relações de poder que são impostas nessa relação. São esses patrões que estão com seus carros (caros e de luxo) na luta pela volta do comércio, lutando pela volta da pobreza ao lugar que eles querem, na linha de frente.

Desta forma, tem sido comum muitas pessoas da periferia saírem das suas casas no meio desse caos, como citei na carta anterior, para segurar esse país nas costas. Pessoas negras sempre seguraram esse país nas costas. Como reflete Mara Gomes (2020)<sup>8</sup>, quem afirma que talvez

<sup>7</sup> Texto da Juliane Sousa, formada em Letras, jornalista, ambientalista, apresentadora de TV, roteirista e uma das responsáveis pelo projeto Mulheres Negras na Biblioteca, enviado para o Portal Geledés. Disponível em:

<<https://www.geledes.org.br/uma-reflexao-sobre-empregadas-domesticas-na-pandemia/>>.

Acesso em: 15 ago. 2020.

<sup>8</sup> Este texto foi originalmente publicado no blog/Instagram da psicanalista negra Mara

elas (pessoas da periferia) já tenham perdido esse medo da morte, pois a morte anda lado a lado do cotidiano das comunidades. É a morte pelo resultado da violência policial, pela negligência do Estado que acaba reforçando o vínculo com a criminalidade, oferecendo esta como única saída. É pela fome retratada no livro que li e me marcou muito nessa pandemia, da Carolina Maria de Jesus, ou nas músicas de Elza Soares, ou na realidade de muitas famílias por aí... “Pessoas periféricas estão nas ruas porque já viram muito e uma pandemia é só mais uma das formas de extermínio desses corpos que mesmo cansados de morrer, se acostumaram com as tragédias” (GOMES, 2020, s/p).

Bruna, tem sido difícil pensar essa volta às aulas. Me sinto perdido nas estratégias de flexibilização sugerida por professores, professoras e colegas brancos e brancas. Quando penso nessas pessoas querendo a volta às aulas, da pesquisa, dos seres pensantes... Eu só consigo lembrar das carreatas da volta do comércio, mesmo sabendo que existe uma diferença gigantesca entre esses dois exemplos, mas a lógica acaba sendo muito próxima quando pensamos nas relações de poder que a branquitude tem sobre nossos corpos. Temos que produzir, não podemos parar... Não me sinto com saúde mental em colocar meu ponto de vista e expor minhas dores nestes espaços abertos a manifestações da comunidade acadêmica. Me sinto perdido... Quando a política de morte não é diretamente ao nosso corpo, ela ataca nossa saúde, principalmente a mental. Enxergar o negro como louco é uma estratégia muito bem arquitetada da branquitude para tirar a nossa voz.

Até logo, Bruna.

---

Gomes intitulado como “*Morremos de tantas formas, a pandemia é só mais uma: A ausência do Estado no cuidado de vidas pretas*” disponível

### **Considerações finais: não podemos seguir vivendo um sonho “europeu”**

O ano era 1911 e no I Congresso Universal de Raças, João Batista de Lacerda (representante brasileiro) apresentava as soluções do governo para os problemas raciais no Brasil: exterminar a presença física e cultural dos negros em no máximo cem anos. As estratégias seriam a miscigenação, o extermínio físico e o apagamento cultural dos referenciais negros (SOUSA; SANTOS, 2012). Essa fala foi subsidiada pelo governo brasileiro da época e visava atrair imigrantes e investimentos no país. Souza e Santos (2012) afirmam que as repercussões desta fala no congresso ressoaram até o ano seguinte, havendo críticas internas quanto ao prazo estabelecido para o branqueamento populacional e quanto ao uso dos dados estatísticos que consolidavam a população brasileira como sendo de maioria negra e mestiça.

Chegamos em 2021 e a ferida aberta por um passado demarcadamente eugenista segue sangrando e perseguindo corpos negros. Em um racismo por omissão (GONZALEZ, 2018), grande parte da esquerda e dos intelectuais brancos brasileiros que não conseguem deslocar-se o suficiente para que possamos sair da fase de vergonha por privilégios raciais para se ocuparem em tomar frente quanto ao conflito que as relações raciais nos impõem e a necessidade de construirmos de fato uma política antirracista, que passa, para a parte branca, em assumir responsabilidades e abrir mãos de privilégios intelectuais. Gonzalez (2018) afirma que a invisibilidade do negro no registro que o Brasil tem de si mesmo é um dos aspectos da ideologia de branqueamento “que nos faz crer que

em  
<https://www.instagram.com/p/CBvn7pqnwum/>  
Acesso em: 23 ago. 2020.

somos um país racialmente branco e culturalmente ocidental” (p. 181). Para que possamos avançar, reconhecer que somos um país negro de influência africana, para autora, é ponto central na discussão sobre o racismo à brasileira.

Problematizando os efeitos da pandemia em nossas experiências, afirmamos que nosso país segue identificado com o pai europeu, como afirma Bento (2002) ao invés de optar pela “mãe índia ou negra” (p. 54). O preço desta identificação é cobrado para as populações que diferem desta figura: os grupos subalternos negros e indígenas seguem sendo o alvo do extermínio, sendo abandonados por políticas de morte pelo Estado.

Problematizar a pandemia a partir de um avesso: sua branquitude. Apostamos nesse conceito por entendermos que ele é crucial na constituição de nosso país que importou o eugenismo e o estabeleceu enquanto meta para a formação do Estado brasileiro eugenista. Seguimos com o olhar do opressor, em um sonho demasiadamente europeu, como afirmou Lélia Gonzalez (2018). Desta forma, a supremacia branca que nos colonizou, segue perpetuada em nossas práticas, reproduzindo e sustentando um sistema de violência no qual as políticas de morte e apagamento são centrais em sua execução.

Escolhemos nossas experiências como ponto analisador da pandemia, entendendo que precisamos acolher o vivido como matéria da produção de conhecimento. Expor o que nos passa e no encontro poder construir uma análise que parte de nossos corpos. Corpos racializados, um branco e outro negro, que sentem a violência da pandemia de forma muito distinta – pois o impacto

epidêmico é racialmente desigual, bem como são as desigualdades sociais em nosso país - podem ampliar as condições de análise de eventos como a pandemia.

#### Referências

- BATTISTELLI, B. M. **Carta-grafias**: entre cuidado, pesquisa e acolhimento. 2017. 257f. Dissertação.
- BENTO, M. A. S. Branqueamento e Branquitude no Brasil. In: CARONE, I. BENTO; M. A. S. (orgs.). **Psicologia social do racismo - estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil**. Petrópolis-RJ: Vozes, 2002, p. 25-58.
- CARDOSO, L. A branquitude acadêmica, a invisibilização da produção científica negra e o objetivo-fim. In: GÔES, L. (org.). **130 anos de (des)ilusão**: a farsa abolicionista em perspectiva desde olhares marginalizados. Belo Horizonte: Editora D'Plácido, 2018, p. 295-311.
- CARNEIRO, S. **Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil**. Selo Negro, 2011.
- GONZALEZ, L. **Primavera para as rosas negras**: Lélia Gonzalez em primeira pessoa. Diáspora Africana, 2018.
- HOOKS, b. **O feminismo é para todo mundo**: políticas arrebatadoras. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019.
- JESUS, C. M. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. Organização e apresentação de Audálio Dantas. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1960.
- MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Portaria nº 344, de 1º de fevereiro de 2017**. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2017. Disponível em: <[https://www.in.gov.br/materia/-/asset\\_publisher/Kujrw0TZC2Mb/content/id/20785617/do1-2017-02-02-portaria-n-344-de-1-de-fevereiro-de-2017-20785508](https://www.in.gov.br/materia/-/asset_publisher/Kujrw0TZC2Mb/content/id/20785617/do1-2017-02-02-portaria-n-344-de-1-de-fevereiro-de-2017-20785508)>. Acesso em: 5 ago. 2020.
- VEIGA, L. M. Descolonizando a psicologia: notas para uma Psicologia Preta. **Fractal: Revista de Psicologia**, [S.l.], p. 244-248, 2019.

Recebido em 2021-07-29  
Publicado em 2022-02-01